

## **PRÁTICAS EDUCATIVAS COM/ENTRE AS DIVERSIDADES: CONSTRUINDO UMA EDUCAÇÃO PLURAL**

Emanuella Geovana Magalhães de Souza - UFPI

Vanessa Nunes dos Santos - UFPI

Krícia de Sousa Silva - UFPI

### **RESUMO**

Esse simpósio tem como objetivo descrever, discutir e problematizar a educação em sua dimensão plural, entendendo a mesma como um fenômeno sociocultural amplo e múltiplo, com vistas a fomentar práticas educativas para/com/entre as diversidades. Para tanto, pauta-se no compartilhamento das experiências oriundas de teses de doutoramento em educação desenvolvidas no programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí (PPGED-UFPI), tendo como foco as práticas educativas de grupos historicamente excluídos. As autoras afirmam as potencialidades das pesquisas com estes segmentos ao apontarem o modo como constroem possibilidades educativas a fim de provocar fissuras nas lacunas raciais-gênero-classe que assolam a sociedade brasileira. As propostas individuais que compõe esse simpósio discutem as seguintes temáticas, a saber: a dimensão plural da educação nos espaços digitais a partir de práticas educativas de mulheres afrodescendentes que compartilham digitalmente suas leituras de livros escritos por outras mulheres afrodescendentes no Instagram; as contribuições da formação docente em Sociopoética enquanto metodologia sensível e inovadora para a problematização e potencialização de outros modos de convivência nas escolas; e por último, práticas educativas de jovens da cultura Hip Hop a partir do mundo virtual para se (re)inventarem e encontrarem alternativas para criação de outros espaços de sociabilidade em meio a pandemia da Covid-19. Portanto, esse simpósio visa questionar os modos de educação pautada numa lógica linear, cartesiana e eurocentrada, discutindo, problematizando e descrevendo possibilidades epistemológicas e didáticas para a construção de práticas educativas com/entre as diferenças e diversidades.

**Palavras-chave:** Práticas educativas. Diversidades. Diferença.

## EDUCAÇÕES NO PLURAL: POSSIBILIDADES EDUCATIVAS NOS ESPAÇOS DIGITAIS<sup>1</sup>

Emanuella Geovana Magalhães de Souza – UFPI<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente estudo visa refletir sobre dimensão plural da educação e, com isso, suas múltiplas possibilidades, mais especificamente como os espaços digitais podem possibilitar espaços diferenciados de aprender-ensinar-produzir. Para tanto, partiu das seguintes perguntas: É possível os espaços digitais possuir uma dimensão educativa? Quais práticas educativas podem ser construídas nos espaços digitais? Ademais, essa pesquisa é oriunda da tese de doutoramento em educação desta pesquisadora, intitulada “Práticas educativas em espaços digitais: narrativas de mulheres afrodescendentes em experiências de leitura” (SOUZA, 2023). Como percurso metodológico, pautou-se numa abordagem qualitativa a partir das orientações de Flick (2009) e da pesquisa em espiral (SOUZA, 2023), que consiste num fazer científico, dinâmico, interdependente e questionador das realidades conhecidas e emergentes. Dessa forma, será apresentando alguns resultados da referida tese no que diz respeito à concepção de educação no plural e as possibilidades educativas nos espaços digitais, a partir da análise de dois perfis no Instagram, a saber, Leia Preta e Lendo Mulheres Negras, ambos trazem discussões relacionadas à literatura escrita por mulheres afrodescendentes. Como base teórica-epistemológica, destacam-se as/os seguintes autores/as: Brandão (2007), Boakari e Silva (2021), Freire (2013), para compreender a educação em seu sentido plural, dinâmico e múltiplo; Santaella (2013), Santos (2019, 2022) para tratar das possibilidades educativas dos espaços digitais. Ao final, concluímos através das análises dos perfis em estudo que práticas educativas estão sendo fomentadas pelas mulheres afrodescendentes produtoras de conteúdos, caracterizadas como uma educação libertadora/problematizadora.

**Palavras-chave:** Práticas Educativas, Espaços digitais, Educações.

### ALINHAVANDO O BORDADO: LINHAS INTRODUTÓRIAS

Entendendo essa escrita como um bordado, a linha que delinea esse estudo é a dimensão plural da educação e, com isso, suas múltiplas possibilidades, mais especificamente como os espaços digitais podem possibilitar espaços diferenciados de aprender-ensinar-produzir. Dessa forma, para iniciar esse bordado fomos instigados por algumas perguntas, são elas: É possível os espaços digitais possuir uma dimensão educativa? Quais práticas educativas podem ser construídas nos espaços digitais? Essas perguntas servirão como pistas reflexivas para tecer o presente texto.

---

<sup>1</sup> O presente artigo é resultado da Tese de Doutorado em Educação intitulada “Práticas educativas em espaços digitais: narrativas de mulheres afrodescendentes em experiências de leitura” (SOUZA, 2023).

<sup>2</sup> Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí (PPGED-UFPI). Professora da Universidade Estadual do Maranhão, campus Timon (UEMA). Professora da Educação Básica, Prefeitura Municipal de Teresina.

Os espaços digitais, como as redes sociais, possuem potencial para produzir aberturas educativas, ou seja, espaço cada vez mais propício para a discussão de temas e aspectos relevantes da sociedade, como o racismo, machismo, homofobia e tantos outros, porém é preciso ressaltar que são as pessoas, com suas práticas, comportamentos, ideias, criatividade, que tornam esses espaços abertos para aprendizagens e práticas educativas diferenciadas. Para tratar dessas possibilidades é preciso situar de onde estamos partindo. Pensamos na educação como um fenômeno sociocultural amplo, que não se limita a espaços institucionalizados, longe disso, atravessa toda nossa vida, através de meios e agentes diferenciados, produzindo diferentes fins educativos, logo, dizemos “educações” no plural, para enfatizar sua dinamicidade e potencialidade.

Brandão (2007, p. 8) assevera esse sentido amplo e plural da educação, quando ressalta que “Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar”. Se pensarmos em nossa vida como uma composição de diferentes bordados, com vários fios, linhas, cores e texturas, o fio que perfaz cada um deles é o fio da educação, pois ela está entrelaçada em nossas vidas, em tempos, espaços e sujeitos diversos. Compreender a educação como educações é reconhecer os diversos agentes sociais em suas múltiplas possibilidades de ser, existir e fazer, valorizando os diversos conhecimentos e perspectivas de mundo, as formas como se relacionam e transformam as realidades sociais existentes.

Esse texto-bordado é composto por diferentes linhas, fios e texturas, mas existe um fio em maior evidência, o reconhecimento dos diferentes sujeitos sociais no fazer educativo, em especial, das mulheres afrodescendentes, que convivem/enfrentam de maneira interseccional as discriminações de raça, gênero, classe e outras categorias. Na medida em que entendemos a educação como parte integrante de nossas vidas, das práticas sociais, é possível destacar os diferentes sujeitos sociais que foram historicamente excluídos e marginalizados como produtores/as de saberes e conhecimentos diversos, como bem salientou Arroyo (2017) esses “outros sujeitos” são também “sujeitos pedagógicos”. Pensando nesses outros sujeitos e outras pedagogias, trazemos nesse estudo práticas educativas realizadas por algumas produtoras de conteúdo no Instagram como forma de discutir a dimensão educativa dos espaços digitais. A seguir, apresentamos os caminhos metrológicos da pesquisa entendida como mais uma linha que borda esse texto.

## **CONSTRUINDO O BORDADO: AS LINHAS METODOLÓGICAS**

O presente estudo é oriundo da minha tese de doutoramento em educação, intitulada “Práticas educativas em espaços digitais: narrativas de mulheres afrodescendentes em experiências de leitura” (SOUZA, 2023). Para tanto, utilizei como abordagem a pesquisa qualitativa a partir das orientações de Flick (2009) e da pesquisa em espiral (SOUZA, 2023), que consiste num fazer científico, dinâmico, interdependente e questionador das realidades conhecidas e emergentes.

Dessa forma, apresento alguns resultados da referida tese no que diz respeito à concepção de educação no plural, bem como, as possibilidades educativas nos espaços digitais, a partir da análise de dois perfis no Instagram, a saber, Leia Preta e Lendo Mulheres Negras, ambos trazem discussões relacionadas à literatura escrita por mulheres afrodescendentes, mais do que isso, compartilham e narram suas experiências de leitura. Para tanto, nesse estudo, evidencio apenas duas publicações dos perfis citados. Como base teórica-epistemológica, a construção desse estudo partiu dos seguintes autores/as: Brandão (2007), Boakari e Silva (2021), Freire (2013), para compreender a educação em seu sentido plural, dinâmico e múltiplo; Santaella (2013), Santos (2019, 2022) para tratar das possibilidades educativas dos espaços digitais. A seguir, discorreremos sobre a dimensão plural da educação em diálogo com as possibilidades dos espaços digitais.

## **ENTRE VÁRIAS LINHAS UMA SE DESTACA: A EDUCAÇÃO COMO FENÔMENO PLURAL**

O fenômeno da educação é constituído por práticas humanas em sua dinamicidade, que em seu sentido mais amplo, significam o desenvolvimento de uma atividade. Quando tratamos de “prática” no campo educacional, mais especificamente, de prática educativa, não separamos da sua condição transformadora, a concebemos como práxis, uma vez que o fim dessa atividade é a transformação, mudança da realidade, uma atividade consciente e objetiva que visa a ação e reflexão de mulheres e homens para transformar o mundo ao mesmo tempo em que são também por ela transformados (Freire, 2013).

As práticas educativas, assim como a educação, um fenômeno plural, não se restringem aos espaços educacionais institucionalizados, mas se constituem como parte integrante da vida e do desenvolvimento das sociedades. Franco (2012) ressalta que as práticas educativas se caracterizam como ação social intencional e multidimensional. Dessa

forma, não poderíamos conceber a prática educativa de maneira homogênea, única, neutra, longe disso, concebemos práticas educativas no plural. Como argumentam Boakari e Silva (2021, p. 98-99): “A prática no campo educacional é desenvolvida por indivíduos com todas as suas subjetividades, idiossincrasias, e outras características que evidenciam as suas particularidades, e assim, é mais adequado falar em práticas educativas”.

As práticas educativas, por serem um fenômeno eminentemente sociocultural, identitário, dinâmico e múltiplo precisam ser entendidas em toda sua complexidade, por isso, consideramos oportuno demarcar de onde estamos partindo em relação aos processos e modelos educacionais engendrados pelas tecnologias digitais. De acordo com Santaella (2013), as tecnologias comunicacionais proporcionaram os seguintes processos de ensino-aprendizagem, a saber: processos baseados na tecnologia do livro, a educação à distância, o *e-learning* - aprendizagem em ambientes virtuais e, por último, o *m-learning* ou aprendizagem móvel. Para tanto, sintetizamos esses processos a partir das contribuições de Santaella (2013) no Quadro 1, logo a seguir.

**Quadro 1. Síntese de processos de ensino-aprendizagens e suas características.**

<b>Processos de ensino-aprendizagem</b>	<b>Características</b>
Modelo “gutenberguiano”	Caracterizado por um conceito tradicional de educação, transmissão e transferência de conteúdos, a escrita e o livro impresso ganham destaque e há centralidade na ação educativa.
Educação a distância ou EaD	Um modelo educacional próprio das mídias massivas (rádio, telecursos, vídeos, e outros similares), os agentes do processo educativo, professor/a e aluno/a estão distantes em termos de espaço e tempo, existindo um polo emissor da mensagem, no caso o professor, e um polo receptor, as/os alunas/os. Com a internet e os ambientes <i>on-line</i> , a educação a distância manteve a lógica comunicacional das mídias de massa, privilegiando a “autoaprendizagem” e o “autoestudo”.
<i>E-learning</i>	Baseado na comunicação via computador, nessa modalidade, surge à aprendizagem em ambientes virtuais, por ser fruto da comunicação computacional, não pode ser chamado de educação a distância, uma vez que os espaços digitais fomentam a situação paradoxal da presença e da ausência em simultaneidade.
<i>M-learning</i>	O <i>m-learning</i> é a expansão do <i>e-learning</i> . O diferencial do <i>m-learning</i> é a possibilidade de aprender a qualquer momento e lugar, com facilidade de acesso aos conteúdos, intensificando a criação, interação e compartilhamento do conhecimento.

Fonte: Organizado pela autora (2024).

Além desses processos educativos, também salientamos a educação *on-line*, que não pode ser encarada como uma evolução da educação a distância, ou como se fossem sinônimas, uma vez que a educação *on-line* é um fenômeno da cibercultura. Como explica Santos (2019, p. 69): “A educação *on-line* é o conjunto de ações de ensino-aprendizagem, ou atos de currículo mediados por interfaces digitais que potencializam práticas comunicacionais interativas, hipertextuais e em mobilidade”. Seu diferencial é a utilização das interfaces digitais de maneira a criar espaços cada vez mais interativos e colaborativos, possibilitando que os/as alunos/as se conectem a determinado conteúdo, produzindo significados e trabalhando/criando de maneira coletiva, como propõe Santos (2022, p. 61-62): “Precisamos engendrar uma teia complexa de conexões e acionar os estudantes a adentrarem os conteúdos, produzindo colaborativamente conhecimentos nas interfaces de comunicação síncronas e assíncronas. Só assim, teremos educação online”. Nessa proposta, o/a professor/a não é o/a agente privilegiado do conhecimento, pelo contrário, potencializa a troca, a interação, e o fazer junto, professor/a e aluno/a estão dispostos de maneira horizontal, ensinando-aprendendo-fazendo-compartilhando-criando conjuntamente.

Por outro lado, com a Pandemia do Covid-19, presenciamos uma tentativa de transposição do ensino presencial para os espaços digitais, conhecido como ensino remoto, que não pode ser entendido como educação *on-line* e/ou educação a distância. O ensino remoto é a ação educativa praticada por mediações audiovisuais em plataformas de webconferência, professores/as e alunos/as continuam a se encontrar com data e horário marcados, só que ao invés das tradicionais salas de aula, utilizam as plataformas de webconferências. Nesse tipo de ensino, é comum observar uma prática não criativa, engajada e crítica dos espaços digitais, onde as ferramentas assíncronas são geralmente utilizadas apenas para arquivar materiais e não provocar a interação e o trabalho colaborativo (SANTOS, 2022; SOUZA, 2023).

O fio condutor deste texto, a educação como um processo sociocultural múltiplo, foi realizando várias voltas, curvas e pontos, onde fomos construindo conjuntos de bordados, um deles foram os processos educativos que se utilizam das tecnologias digitais, a saber: educação a distância, *e-learning*, *m-learning*, educação *on-line* e ensino remoto, de forma que pudéssemos compreender as possibilidades do ciberespaço, provocando reflexões sobre sua utilização e seus efeitos. Além disso, todo esse percurso foi uma tentativa de bordar o ponto central dessa pesquisa: os espaços digitais como espaços de possibilidades educativas.

Estamos tratando de práticas educativas originadas pela cibercultura, especificamente de práticas, fazeres, comportamentos e ideias construídas por mulheres afrodescendentes criadoras de conteúdo no *Instagram*, que narram suas experiências de leitura de livros escritos por mulheres de mesmo pertencimento racial, como iremos discutir logo a seguir.

## **VÁRIAS LINHAS FORMAM UM BORDADO: PRÁTICAS EDUCATIVAS DE MULHERES AFRODESCENDENTES NO INSTAGRAM**

Nosso bordado foi ganhando vida e novas texturas, uma vez que entram em cena as práticas, fazeres, narrativas e experiências das mulheres afrodescendentes produtoras de conteúdo dos perfis Leia Preta e Lendo Mulheres Negras. Para tanto, como já explicado anteriormente, esse estudo é resultado da minha tese de doutoramento em educação onde descortinei os saberes e práticas das criadoras de conteúdo participantes da pesquisa a partir de uma série de informações, a saber, leitura analítica/cuidadosa de algumas publicações dos perfis em estudo; relatos de entrevistas realizadas com as produtoras de conteúdo; análise de comentários das seguidoras dos perfis, como forma de entender as contribuições dessas páginas.

Assim, nessa parte do texto, iremos discorrer sobre as práticas educativas construídas pelas produtoras de conteúdo participantes da pesquisa a partir de algumas publicações realizadas no Instagram. Dessa forma, é importante conhecermos um pouco sobre essas mulheres, bem como, os perfis em estudo. O perfil @leia\_preta foi lançado oficialmente em 2019 e quem fomenta suas publicações é a socióloga Gabriela Costa, o objetivo da página é dar visibilidade a autoras afrodescendentes e também compartilhar as potencialidades das leituras desses livros. Até setembro de 2022, este perfil contabilizava 227 publicações e 7.526 seguidores/as (SOUZA, 2023).

O perfil @lendomulheresnegras é uma extensão do projeto “Lendo Mulheres Negras (LMN)”, tendo sido criado de maneira presencial no ano de 2016, idealizado inicialmente por Paula Gabriela, Adriele Regine e Evelyn Sacramento, que se conheceram quando cursavam mestrado em estudos étnicos na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atualmente, encontram-se à frente do projeto apenas as duas últimas. Instigadas pela pergunta: “Quantas autoras negras você já leu?”, as amigas decidiram realizar encontros literários para ler e discutir obras de autoras afrodescendentes, com o objetivo de resgatar e conhecer a produção dessas mulheres. Em seguida, o projeto adentrou as redes sociais, como Instagram, em 2016, e

no YouTube, em 2019. O perfil no Instagram, até setembro de 2022, tinha 1.955 publicações e 60,8 mil seguidoras/es (SOUZA, 2023).

Para começarmos os bordados das narrativas das mulheres participantes da pesquisa, evidenciamos na Figura 1, uma publicação do perfil @leia\_preta como forma de entender as práticas educativas construídas nos espaços digitais.

Figura 1 – Publicação do perfil @leia\_preta “Um livro sobre a sua família”



Fonte: SOUZA, Emanuella Geovana Magalhães de. **Práticas educativas em espaços digitais: narrativas de mulheres afrodescendentes em experiências de leitura.** 2023. 239 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí - UFPI, 2023.

Na publicação apresentada na Figura 1 é possível perceber que as narrativas da família de Gabriela se entrelaçam com as narrativas do livro lido, a saber, *Água de Barrela*, da autora Eliana Alves Cruz, uma vez que ao redor do livro destacado encontram-se fotografias de sua família. Constatamos um processo que consiste em atravessar as camadas do escrito que separa a autora da leitora, provocando um processo de rememorar histórias, experiências, narrativas que se entrelaçam com a narrativa do livro em questão. Freire (1989, p. 9), quando discorre sobre “ato de ler”, menciona que “neste esforço a que me vou entregando, re-crio, e re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra”. Logo, tanto a leitura do livro como a atividade de escrever sobre suas próprias experiências, provocam o “voltar a si”, momento dinâmico de recriar e rememorar, articulando experiências do passado e do presente.



Além disso, constatamos que a leitura provocou na produtora de conteúdo a necessidade de buscar sua história e origem, o que pode ser evidenciado nas fotos trazidas pela criadora de conteúdo, nas quais vão se construindo narrativas da sua família. Com isso, salientamos os processos de silenciamento das histórias das/os afrodescendentes, que historicamente passaram por processos de subjugação, como lembra Quijano (2005) a partir da ideia de raças humanas que foi formulada para legitimar a dominação dos povos conquistados, e assim estabelecer o eurocentrismo. Citamos também os dizeres de Carneiro (2005) e Santos (2007), quando discutem o epistemicídio como instrumento de desqualificação não somente das produções culturais, artísticas, intelectuais dos povos dominados, mas, principalmente, a negação da sua existência e humanidade como pessoa.

Dando continuidade, apresentamos na Figura 2 uma publicação do perfil Lendo Mulheres Negras,

Figura 2– Resenha do livro Tudo de bom vai acontecer



Fonte: SOUZA, Emanuella Geovana Magalhães de. **Práticas educativas em espaços digitais: narrativas de mulheres afrodescendentes em experiências de leitura.** 2023. 239 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí - UFPI, 2023.

A publicação em destaque consiste num pequeno vídeo, uma chamada para continuar assistindo às reflexões e experiências de leitura de Adriele no canal do LMN no YouTube. A partir da legenda, alguns disparadores são capturados, como a ligação entre as experiências da

produtora de conteúdo e as narrativas do livro, quando na legenda diz: “A gente não consegue parar de ler e muito menos deixa de lado quando acaba” (Lendo Mulheres Negras, 2021, [s.p]). Isso pode ser explicado pelo fato de ser um livro para pensar as mulheres em sua diversidade. As aprendizagens decorrentes dessa publicação giram em torno de compreender como as mulheres afrodescendentes são cercadas de negações de direitos; a importância de construir estratégias para ser e existir numa sociedade racista-machista; reconhecer o continente africano em sua pluralidade, para além dos estereótipos de pobreza, miséria e de grandes safaris.

O compartilhamento de experiências e narrativas realizadas pelas produtoras de conteúdo fomentam práticas educativas pautadas numa educação libertadora/problematizadora. Para Freire (1967), esse tipo de educação tem um caráter reflexivo e procura constantemente desvelar a realidade. Ações encorajadas e proporcionadas pelos fazeres criativos-ousados-conscientes-objetivos dessas mulheres afrodescendentes criadoras de conteúdo no *Instagram*, onde fissuram as realidades opressivas de raça-gênero-classe que constituem a sociedade brasileira, fomentando uma práxis transformadora. Conforme discorreu Freire (1979, p. 72): “A realidade opressiva é experimentada como um processo passível de superação, a educação para a libertação deve desembocar na práxis transformadora”. Sendo assim, a educação é vista como uma atividade libertadora, humana e transformadora, para que mulheres e homens compreendam que são sujeitas/os das suas próprias histórias, elementos percebidos nas ações/atividades realizadas pelas mulheres produtoras dos perfis, em especial quando narram suas experiências de leitura, ao mesmo tempo em que incentivam outras mulheres a contarem suas histórias, bem como, fomentam projetos e ações para conhecer, evidenciar, ampliar as escritas de autoras afrodescendentes.

## **DANDO FORMA AO BORDADO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Iniciamos esse estudo dizendo que o mesmo tratava-se de um bordado, pensando na junção de linhas, fios, cores, texturas, que vão se encontrando e construindo formas das mais variadas. Ao bordarmos a educação como fenômeno plural, social e amplo, fomos também conhecendo as possibilidades criativas dos espaços digitais, evocando no centro desse bordado as narrativas de mulheres afrodescendentes produtoras de conteúdo no *Instagram*. Dessa forma, nosso bordado foi ganhando forma, jeito, vida, uma verdadeira teia de significações, onde se entrelaçaram as narrativas e experiências de mulheres afrodescendentes nos espaços digitais, evidenciando que os fazeres dessas mulheres são permeados de práticas

educativas identitárias, políticas, críticas, questionadoras, uma vez que descortinam as desigualdades raciais-gênero que assolam a sociedade brasileira.

Diante disso, retomamos as perguntas que guiaram a produção desse estudo: É possível os espaços digitais possuir uma dimensão educativa? Quais práticas educativas podem ser construídas nos espaços digitais? Podemos dizer que os espaços digitais possibilitam ferramentas para a criação, pesquisa, colaboração, compartilhamento de narrativas, fazeres e práticas, de modo a mudar a forma estática e cartesiana da educação por uma educação plural, humana, criativa, onde os agentes envolvidos podem produzir de maneira crítica e engajada. Porém, vale frisar que nada adianta essas possibilidades e instrumentos, se não existir pessoas engajadas em fazer a diferença, ou seja, se utilizar desse espaço (que também é permeado de desigualdades e opressões) para discutir-ampliar-produzir conhecimentos crítico e questionadores, como bem fazem as produtoras de conteúdo participantes desse estudo, logo, ressaltamos que as práticas educativas fomentadas por essas mulheres são pautadas num projeto de educação libertadora/problematizadora.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, M. **Outros sujeitos outras pedagogias**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BOAKARI, F. M.; SILVA, F. B. da. Práticas educativas como relações dialógicas necessárias até hoje: de Garama para muitos chãos. *In*: ADAD, S. J. H.; LIMA, J. D. de S.; BRITO, A. E. (Orgs). **Práticas educativas: múltiplas experiências em educação**. Fortaleza, CE: Editora da UECE, 2021.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

CARNEIRO, A. S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005, 339 f. Tese. (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2017.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRANCO, M. A. S. Práticas pedagógicas nas múltiplas redes de ensino. *In*: FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

LENDO MULHERES NEGRAS. **Resenha LMN**: Tudo de Bom vai acontecer - Sefi Atta. 23 fev. 2021. Instagram: @lendomulheresnegras. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CLo9L23nBrv/>. Acesso em: 2 jun.2022.

LIBANEO, J. C.; ALVES, N. (Orgs.). **Temas de pedagogia** – diálogos entre didática e currículo. São Paulo: Cortez, 2012, p. 169-188.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clasco, 2005, p. 117 - 142.

SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos** – CEBRAP, São Paulo, n. 79, p. 71-94, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>. Acesso em: 10 fev. 2017.

SANTOS, E. EAD, palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos para hoje. Mas qual é mesmo a diferença? #livesdejunho. *In*: SANTOS, E. **Escrevivências ciberfeministas e ciberdocentes**: narrativas de uma mulher durante a pandemia Covid-19. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, p.57-74.

SANTOS, E. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019.

SOUZA, Emanuella Geovana Magalhães de. **Práticas educativas em espaços digitais**: narrativas de mulheres afrodescendentes em experiências de leitura. 2023. 239 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí - UFPI, 2023.



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

## **FORMAÇÃO DOCENTE EM SOCIOPOÉTICA E SABERES DA DIDÁTICA: POTENCIALIZANDO OUTROS MODOS DE EDUCAR PARA A CONVIVÊNCIA.**

Vanessa Nunes dos Santos - UFPI

### **RESUMO**

Esta pesquisa trata de como a formação docente em Sociopoética como metodologia sensível e inovadora pode romper com os modelos cartesianos de formação, ao afetar os/as professores/as a pensar, problematizar e potencializar outros modos de convivência nas escolas. Esta pesquisa justifica-se porque a sociopoética, esta pautada nos princípios de pesquisar, ensinar e aprender com o corpo todo, com a valorização das culturas de grupos silenciados, com o uso de dispositivos artísticos, com responsabilidade ética, política e espiritual possibilitou dar visibilidade as práticas educativas do grupo-pesquisador que foi formado 6 professores/as do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental em meio a pandemia da COVID-19. Esta pesquisa trouxe como resultado a produção de confetos heterogêneos e desterritorializados que, transversalizados, foram cartografadas em quatro dimensões do pensamento do grupo-pesquisador: 1. Formação em sociopoética na relação com a convivência na escola exige sensibilidade para a aceitação do novo; 2. Formação em sociopoética na relação com a convivência na escola exige parcerias para transcriar a escola; 3. Formação em 11 sociopoética na relação com a convivência na escola exige a aceitação do novo a partir da família e 4. Formação em sociopoética na relação com a convivência na escola exige aceitação do novo para descolonizar a educação. Essas dimensões, mobilizaram as problemáticas em torno da formação docente e envolvem as lacunas do processo formativo e os saberes da experiência, que precisam ser construídos para que se possa aprender a conviver com as diversidades/diferenças, eliminando os preconceitos e as violências, mediando os conflitos, questões essas, que não se aprendem na academia e que atravessam a educação no contemporâneo.

**Palavras-chave:** Sociopoética, Formação docente, convivência.

### **INTRODUÇÃO**

Esta pesquisa retrata como a formação docente em Sociopoética como metodologia sensível e inovadora pode romper com os modelos cartesianos de formação, ao afetar os/as professores/as a pensar, problematizar e potencializar outros modos de convivência nas escolas, tendo em vista as microviolências presentes neste espaço educativo. Justificando-se porque a sociopoética, juntamente com a didática e as práticas educativas pautadas nos princípios de pesquisar, ensinar e aprender coletivamente com o corpo todo, com a valorização das culturas de grupos silenciados e de resistências, com o uso de dispositivos artísticos, com responsabilidade ética, política, noética e espiritual estabelece uma diferença primordial nos processos educativos, pois descondiciona a percepção arraigada e constrói

modos de pensar distantes dos habituais modos de existir naturalizados e reproduzidos em nosso fazer pedagógico, especialmente os (pré)conceitos arraigados sobre o outro, o diferente.

Portanto, meu objeto de estudo trata-se de uma pesquisa-formação qualitativa com a abordagem Sociopoética, como método e técnica de produção de dados, de modo a problematizar a convivência escolar de crianças e adolescentes, destacando a descolonização de seus conceitos prévios, naturalizados, acerca das violências, formação docente e convivência escolar, possibilitando inclusive uma autoanálise de suas implicações no processo educativo – autoformação que potencialize construir uma educação que ligue a cultura escolar à arte do fazer cotidiano, valorizando os saberes experienciais e a potência da invenção de si e de outros mundos possíveis. Dando passagem também à formação continuada de docentes da Educação Básica, na expectativa de que esses sujeitos possam reelaborar em si, outra forma de conduzir suas ações educativas, como por exemplo, serem capazes de olhar com amor para as mais variadas situações e circunstâncias que se apresentam no dia a dia da sala de aula, uma nova forma de professores/as olharem e verem as crianças e adolescentes do seu convívio na escola.

Nessa direção, o meu problema de investigação é: Como a formação em Sociopoética, enquanto metodologia sensível e inovadora, pode contribuir para a problematização e a potencialização de outros modos de convivência nas escolas, propiciadas por meio da criação de conceitos mobilizados pelos afetos e pela autoanálise das práticas e experiências educativas de professores/as de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí-PI/BR?

Para Freire (1996), essa formação seria uma forma de prática humanizadora, que visa ao sujeito histórico e social e que contribui para uma atuação mais adequada, mais amorosa e respeitosa. Isso também quer dizer que a didática e a prática educativa, como uma intervenção necessária, cria situações para que os sujeitos da educação possam interagir, ampliando suas capacidades de criar por si mesmos seus conceitos permeados de afetos, dando consistência aos problemas que os mobilizam cotidianamente, ampliando sua capacidade de atuar, de aprender, de se comunicar consigo, com o outro e com o mundo.

Dessa forma, delineei como objetivo geral dessa investigação: compreender as contribuições da formação docente em Sociopoética, enquanto metodologia sensível e inovadora, para a problematização e potencialização de outros modos de convivência nas escolas no contemporâneo de professores(as) de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí - PI/BR. Para conseguir concretizar tal objetivo, delimitei os

seguintes objetivos específicos, que buscaram: **1.** Descrever como os/as professores/as de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí-PI/BR sensibilizam-se ou deixam-se afetar pelos problemas que envolvem a convivência na escola, no contemporâneo, no contexto da formação em sociopoética; **2.** Identificar os conceitos mobilizados pelos afetos (confetos) e pelas experiências educativas de professores/as de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí-PI/BR acerca de problemas que envolvem a convivência na escola no contemporâneo; **3.** Analisar que outros modos de pensar a convivência na escola são potencializados pelos conceitos mobilizados pelos afetos e pelas experiências educativas criadas pelos/as professores/as no contexto da formação em Sociopoética e **4.** Favorecer aos/às professores/as de crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de São Félix do Piauí-PI/BR a autoanálise das suas práticas e experiências educativas acerca da convivência escolar no contemporâneo.

E como pensar uma formação nessa direção? A proposta desta pesquisa é fazer uso da abordagem Sociopoética numa formação docente, de modo a proporcionar aos/às docentes da Rede Pública Municipal de São Félix-PI/BR aproximação com essa metodologia sensível e inovadora, na qual, como já foi dito, aprende-se a fazer fazendo, tornando possível o pensar, o problematizar e o potencializar de outros modos de convivência nas escolas. Propor uma formação em sociopoética para transformar, transver e transcriar a educação, atravessada pela construção coletiva do conhecimento, especialmente com o uso da arte como disparador de zonas adormecidas do corpo, intervindo para conhecer a realidade com vivências em oficinas sobre temas geradores de interesse de seus discentes.

Para a descrição dos trajetos dessa pesquisa, destaco que sua construção dá-se dentro do contexto histórico da pandemia do Coronavírus (COVID-19), sendo importante ressaltá-lo para que haja uma melhor compreensão das escolhas e utilizações dos dispositivos apresentados, pois devido aos casos da doença em nosso país e no mundo, todas as atividades coletivas precisaram passar por protocolos sanitários e regras rígidas de cuidados com a higiene e o distanciamento social com o intuito de evitar a transmissão do vírus.

Nesse sentido, a perspectiva dessa pesquisa é, portanto, pensar uma formação docente em sociopoética como um processo de invenção/criação no cotidiano da vida e das práticas escolares, por onde atravessam as experiências metodológicas, principalmente a de docentes, sujeitos que embora também sofram violações nas condições de trabalho, constituem as sementes, em terreno fértil para criação de outros modos de educar; através de intervenções

sociopoéticas no pesquisar, ensinar e aprender coletivamente na produção e socialização dos conhecimentos coletivos produzidos na comunidade, favorecendo o desenvolvimento, na escola, da didática e práticas educativas inclusivas no sentido amplo do termo.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com o uso da abordagem “Sociopoética”, utilizada para criação de problemas, conflitos e devires do Percurso (pesquisa + curso) com dispositivos filosóficos e artísticos, como método de produção de dados, corroborando com uma perspectiva da descolonização do pensamento, democratização e inovação, dando passagem à criação de conhecimentos coletivos, que perpassam as experiências e problematizações educativas mobilizadas com professores/as de crianças e adolescentes no contemporâneo. Sendo o grupo-pesquisador formado 6 professores/as do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

A sociopoética traz uma forma de ciência que quebra a objetividade cartesiana; o caráter transversal é atravessado pela pedagogia do oprimido, a análise institucional, a pesquisa-ação e a pesquisa participante, pela arte-educação, a escuta mito-poética e a educação simbólica, pois trata de uma abordagem que desperta o prazer e a criatividade na construção coletiva do conhecimento, e que pretende fazer da pesquisa um acontecimento poético – que do grego quer dizer poiésis, criação (Petit, 2002).

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Falar em formação docente, tanto inicial como continuada, nos últimos anos, vem sendo uma preocupação constante para a educação, pois juntamente com a escola, ela vem apresentando e ganhando novos contornos para atender às transformações aceleradas da sociedade. No Brasil, os processos formativos são levados a refletir e problematizar a escola de forma que possam sentir, olhar, escutar e pensar a educação considerando as singularidades das situações de ensino presentes na dinâmica cultural, social e econômica do país.

A escola, historicamente, tem mantido modelos hegemônicos e conservadores na execução de seu trabalho, estabelecendo um sistema cartesiano de ensino ligado à reprodução de conteúdo, dentro de um sistema de vigilância, punições e recompensas, que acaba por moldar o que se pode ensinar e aprender, limitando as oportunidades de criar outros modos de educar. Uma condição para o aperfeiçoamento da educação escolarizada pode estar na



compreensão de que a formação continuada se dá pela ação de mover-se, reinventando saberes didáticos gerando outras formas de ensinar e aprender. Assim, é importante que professores/as passem a considerar as questões da prática educativa como formas de buscar soluções aos problemas do cotidiano, despertando neles/as uma responsabilidade por uma constante autoformação.

Para Formosinho (2009), é na interação dos professores com as crianças, os adolescentes, as famílias e as comunidades que acontecem os principais momentos de aprendizagens, que são fundamentais à profissão docente. É no confronto com as situações reais do cotidiano, com os problemas das diversidades e diferenças, que podemos aprender outra forma de ver o mundo, o que contribui para aprendizagens significativas aos saberes com/entre os/as estudantes e consigo próprio, tendo em vista a finalidade última da educação, que é promover cada um/a como cidadão/ã.

Observamos, dessa forma, que educar no contemporâneo é um desafio, na medida em que vivemos cercados de informações a serem aprendidas, presentes na escola, nas ruas, nas mídias sociais; portanto, estamos sempre aprendendo algo novo o tempo todo, seja de forma intencional ou não. O convívio social e a própria *internet* estão sempre atualizando nossas dúvidas e questões. Como nos lembra Brandão (2007, p. 9): “Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante.”

No entanto, aprender tem uma conexão profunda com ensinar, e quando pensamos nas instituições educativas, logo entra em destaque a formação docente, que devido à emergência de novos paradigmas, vem sendo questionada por suas habilidades técnicas, que não são mais suficientes para a preparação profissional, o que vai abrindo lacunas e a necessidade de reflexões sobre o trabalho pedagógico e a didática desenvolvidos nas escolas, pelos seus educadores.

Ou seja, nosso processo de formação é constante, presente durante toda a nossa trajetória, construído a partir de nossas experiências pessoais, profissionais, que vão transformando as ações e saberes dos docentes a partir das suas práticas cotidianas em turmas heterogêneas, que possibilitam a prática profissional. Sendo que esses saberes presentes na realidade social, que vão sendo materializados através da formação docente, das práticas educativas, das disciplinas trabalhadas ao longo do percurso, tornam-se os saberes da experiência. E por que é importante refletirmos sobre os saberes da didática e as práticas

educativas? Aqui é importante ressaltar que o/a educador/a precisa investigar sua prática, a fim de conhecê-la e transformá-la.

A situação profissional de professores/as exige uma reflexão em e sobre a prática, dando sentido às experiências e construindo as práticas educativas. É preciso entender que seus saberes nem sempre darão conta das necessidades diárias presentes no exercício da profissão, em que a criatividade e a inovação no trabalho pedagógico precisam ser tema frequente nas aprendizagens docentes, visto que os ensinamentos técnicos que aprendem na academia não dão conta das situações do dia a dia, e o professor precisa desenvolver competências que ultrapassem a técnica.

É preciso tornar-se um profissional reflexivo, que busca desenvolver soluções por meio de tentativas para ir superando seus limites frente às situações da escola, analisando, elaborando e reelaborando suas práticas numa constante ação-reflexão-ação capaz de trazer soluções aos conflitos, possibilitando o desenvolvimento profissional.

O entendimento dos/as professores/as sobre os saberes necessários à educação precisa ir além dos currículos, dos livros didáticos e dos programas escolares. O professor reflexivo de sua prática vai perceber seus saberes como plurais, heterogêneos, pois envolve seus conhecimentos adquiridos no próprio exercício da profissão, provenientes de várias fontes, sendo um saber temporal, adquirido no contexto de sua história de vida e de sua carreira. Segundo Tardif (2014, p. 21): “[...] os saberes oriundos da experiência de trabalho cotidiana parecem construir o alicerce da prática e da competência profissionais, pois essa experiência é, para o professor, a condição para a aquisição e produção de seus próprios saberes profissionais”.

Desse modo, temos o primeiro desafio da formação docente, pois ela não pode ser discutida ou apreendida sem que se leve em conta os problemas da construção dos conhecimentos e das aprendizagens, já que um fator importante é compreender que as vezes é necessário o imprevisto, não havendo tempo para refletir, necessitando, o/a professor/a, estar motivado para construir respostas também no imediato das situações. Entendemos a formação como lugar de aprendizagem, que não cabe apenas as habilidades e competências para ensinar, mas que na verdade é um território de formação inventiva para *práxis*.

Nessa perspectiva, a prática docente, em especial a voltada para a convivência nas escolas, deve incluir uma pedagogia que respeite a diversidade de formas de ser criança e adolescente em nosso país, ajudando na formação das identidades desses indivíduos que se constroem como seres humanos. Deve preocupar-se com uma prática que seja significativa e condizente com a realidade na qual esses sujeitos plurais estão inseridos.

A convivência no ambiente escolar muitas vezes reproduz valores excludentes, sendo constituída de repetições: os conteúdos, as normas, os discursos dos educadores, o disciplinamento dos corpos dos estudantes; até as práticas educativas buscam tecnologias pedagógicas para docilizar seus comportamentos, prejudicando as aprendizagens criativas. O condicionamento das crianças e adolescentes traz o fracasso para a escola. Nas palavras de Mosé (2014, p. 82-83): “A escola, cada vez mais, deverá ser um espaço aberto, e a educação, inevitavelmente vinculada à cultura. [...] Se não houver vida naquilo que aprendemos, então não há educação, formação e muito menos aprendizagem”.

A escola deve ser, portanto, um espaço vivo de construção de saberes. É preciso compreendê-la como um espaço inserido em um mundo multicultural (Candau; Moreira, 2008), que pode ser transpassado por uma variedade de identidades. Dessa forma, construir a consciência sobre nossos saberes didáticos e práticas educativas torna-se importante, pois a representação da responsabilidade dos docentes apenas com o domínio dos conteúdos específicos das disciplinas não provoca mudanças; a escola permanece inerte, e como centro de interações, explodem os conflitos comportamentais que geram as violências. Precisamos compreender os/as estudantes como sujeitos ativos e essenciais para uma escola viva. Entender os conflitos existenciais, transformar nossas ações didáticas, repensar metodologias e modificar as práticas são passos significativos frente aos problemas de convivência na escola.

Assim, acreditamos que para a materialização de uma prática docente eficaz, torna-se necessário que o/a professor/a procure refletir sobre seu fazer pedagógico, baseado/a em fundamentos teóricos e metodológicos que subsidiarão a organização do seu trabalho na sala de aula, o que perpassa a interação professor-estudante em constante diálogo e trocas de conhecimentos capazes de inserir e transformar a realidade dos discentes nos debates escolares. Como nos lembra Freire (2016, p. 134): “[...] existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles um novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”.

Portanto, a formação docente continuada precisa estar ligada às questões sociais, humanizando as práticas, sensibilizando educadores/as para os problemas sociais contemporâneos, como o desemprego, a pobreza, a exclusão, o racismo, as violências etc., pois todas essas questões ocupam a escola e influenciam suas práticas e ações. Desta forma, a formação contribuirá com o desenvolvimento de uma práxis crítico-reflexiva em que os/as docentes participam também como cidadãos. No entanto, na formação, existem também

situações de obstáculos e limitações, uma vez que os/as professores/as precisam também dar conta dos conteúdos e programas escolares, enfrentando tensões, baixos salários e problemas de não aceitação de novas metodologias pelas famílias dos/as estudantes, o que gera insegurança, medo e um mal-estar no/a docente.

Contudo, ainda existe uma presença forte do modelo tradicional nas práticas educativas de alguns professores/as na escola, que leva à reprodução do conhecimento, à repetição e a uma visão mecanicista do ensino e da aprendizagem. Essa é uma imagem que observamos com frequência, na qual professores/as apresentam o conteúdo de maneira fragmentada, com autoridade, severidade, rigorosidade e objetividade. O/A aluno/a é visto como um ser receptivo, um depósito de informações, conhecimentos e fatos. A metodologia caracteriza-se pelas aulas expositivas e pelas demonstrações que o professor realiza perante a classe, e a avaliação busca respostas prontas. Assim, a educação torna-se bancária, pela qual educandos recebem depósitos, que precisam guardá-los para depois reproduzi-los nas avaliações. Não podemos mais pensar em educação de memorização e reprodução, mas sim, na construção coletiva. Como bem lembra Freire (2016, p. 105): “Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros”.

Destaca-se, assim, que a educação precisa ser rizomática na proporção em que agencia conexões, heterogeneidades, transversalidades e interdisciplinaridades que a fazem movimentar-se pelas ambiguidades estampadas nas multiplicidades das relações e conflitos escolares. Uma educação rizomática possibilita uma linguagem escolar que não se fecha sobre si mesma, encontra-se sempre no meio, entre as coisas, nas intersecções. Ela possibilita linhas de fuga para pensamentos diversos, que se rompem e são destruídos, para deixar livre o caminho para reconstruções segmentadas, desterritorializadas, capazes de construir novos conhecimentos em todos os sentidos, pois não se resume em dualismos ou dicotomias, são linhas plurais (Deleuze; Guattari, 1995).

É sob essas perspectivas que pretendemos destacar uma educação escolar como espaço de criação, invenção, transformação e inovação de conhecimentos advindos da resistência dos/as docentes. Um espaço de interações plurais, multicultural, que dialogue como potência transformadora, em práticas educativas que acolham as diferenças e diversidades no desenvolvimento da convivência escolar. Essa concepção de educação só será possível no entrelugar, entre o saber sensível e as experiências que emergem das relações intensivas e tecidas nas ondulações do cotidiano, projetando o respeito, a gentileza, a vida nas

diversidades de corpos e dos seus sentidos na escola, *versus* uma luta constante contra a dominação.

Segundo Paulo Freire (2014) é preciso ressignificar o ensino e as aprendizagens, através da construção de uma vida social mais digna, livre e justa, partindo do que tem significado e relevância para a realidade dos educandos. A educação, portanto, deve ser uma ferramenta de humanização, para uma melhor convivência social, dentro de uma perspectiva da dialogicidade.

Ressalta-se a construção de uma postura dialógica e dialética, não mecânica, entre educadores e educadoras, de forma humilde, mas esperançosa, emancipatória e humanizante; contribuindo para as transformações sociais, que historicamente são marcadas por desigualdades, discriminação, violências e opressão, que desumanizam principalmente as pessoas dominadas e marginalizadas, socio-historicamente violentadas e excluídas. Reconhecemos que o ensino necessita de saberes didáticos e práticas educativas que permitam as vivências das diferenças, através de experiências da práxis pedagógica que ascende à tomada de consciência, por parte da escola e de educadores/as que os/as fará buscar novas possibilidades.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Pesquisar com a Sociopoética é criação. Esse método de produção do conhecimento com o corpo todo e com a poética, da imaginação, dos sentidos, da emoção e da intuição torna-se fonte inesgotável para a construção de novos saberes e não-saberes, abrindo caminhos que ecoam para as expressões de um mundo ainda não decifrado, escrito, lido, vasculhado.

Destarte, partilho do pensamento de Deleuze (1992, p. 31), de que “[...] os conceitos são centros de vibrações, cada um em si mesmo e uns em relação aos outros. É por isso que ressoa, em lugar de se seguir ou se corresponder”. O vibrar das linguagens diferentes nos leva a superar as limitações, em que fragmentos das palavras não compõem quebra-cabeças, pois formam conceitos com variadas possibilidades de conexões, renovando os conhecimentos.

É pelas possibilidades de criações mais ousadas, a partir da produção coletiva de confetos desterritorializados e polifônicos; valorizando o acontecimento, o estranhamento por meio de técnicas artísticas, tendo o corpo como fonte coletiva de construção do conhecimento que a Sociopoética questiona, da sua forma, os padrões científicos predominantes e faz uma

relação com a filosofia de Deleuze e Guattari (1992), sendo a fusão entre arte, filosofia e ciência, em que aparecem os confetos, ou seja, “[...] perceptos (intensidades de percepção) estéticos e afetos criam um estar no-mundo, que já favorece a emergência de figuras sensíveis, emocionais, intuitivas e estéticas, ativas como pensamento” (Gauthier, 2005, p. 258). Desse modo, confetos são as expressões das experiências coletivas implicadas no corpo, que fluem pelo pensamento do grupo-pesquisador como potência, com o intuito de transformar para conhecer.

Por consequência, foi analisando cada palavra escovada nesse trajeto da pesquisa que convido-os a produzir novos sentidos, a partir do olhar de educadores/as sobre suas práticas educativas, através de conceitos e confetos e de suas múltiplas relações com o tema gerador “Formação Docente em Sociopoética como Metodologia Sensível e Inovadora para a convivência escolar”, por meio dos relatos produzidos durante nossas oficinas no Percorso (Pesquisa+Curso), que possui um propósito autoformador de construção coletiva do conhecimento e de aproximação e interação entre a escola, a comunidade e a Universidade.

Nossas oficinas sociopoéticas foram estruturadas através de diferentes linguagens artísticas, que objetivaram principalmente provocar a escuta sensível, investigar a imaginação e facilitar a produção de múltiplas ideias e conceitos acerca do tema gerador. Notamos que a invenção através da arte facilita a comunicação, pois essas experimentações recompõem nossas memórias mais profundas, superando as limitações das linguagens formais através do estranhamento com o uso de técnicas que expandem as possibilidades de expressão dos sujeitos participantes desse processo de produção de conhecimento.

Foram produzidos confetos heterogêneos e desterritorializados que, transversalizados, foram cartografados em dimensões do pensamento do grupo-pesquisador: 1. Formação em sociopoética na relação com a convivência na escola exige sensibilidade para a aceitação do novo; 2. Formação em sociopoética na relação com a convivência na escola exige parcerias para transcriar a escola; 3. Formação em sociopoética na relação com a convivência na escola exige a aceitação do novo a partir da família e 4. Formação em sociopoética na relação com a convivência na escola exige aceitação do novo para descolonizar a educação.

Na primeira dimensão, ressalta a necessidade da formação de professores/as, inventivos/as e reflexivos/as assume de fato um papel central na construção de novas aprendizagens e na construção de práticas educativas na contemporaneidade, para que experimentemos na invenção outros modos de conviver com as diversidades, desterritorializando o que se tem engessado na formação, transformando em linhas de fuga

com espaços para criação, movimentos e afecções. Como destacaram os/as docentes, é preciso recriar-se, dentro de um processo criador que é em grupo, sempre no coletivo, percebendo que ser educador/a é ser inacabado, sempre em busca de novas soluções.

Na segunda dimensão, o grupo pesquisador aborda a necessidade de propor, através da sociopoética, construir novas formas de fazer a escola, pensando seus problemas coletivamente, ressignificando seus conteúdos e conceitos, tornando-os possibilidade de intervenção no cotidiano, quebrando o silenciamento das novas gerações, verificando na escola as formas de pensamento, mais do que conteúdos. Os conceitos são inventados, produzidos e precisam ser reinventados para operar em situações atuais, que pedem novas linguagens. Aqui está o cerne da questão, observar que a formação de professores/as através da criação de novos conceitos tem papel fundamental, uma vez que não podemos pensar em uma formação docente em sociopoética na relação com a convivência na escola, sem antes fazer as mudanças, o que será feito mesmo durante as práticas educativas, esforçando-se para produzir e inserir as inovações na busca por melhores caminhos para a transformação da escola.

A terceira dimensão, os/os educadores/as assinalaram que a estrutura familiar pode ser uma das causas diretas do comportamento dos/as "alunos/as problemáticos/as", considerando a participação dos familiares muito importante no processo educacional. Nos relatos, o grupo-pesquisador traz como um dos problemas mais frequentes na relação entre família e escola a falta de acompanhamento dos membros da família e de imposição de regras na educação dos filhos, o que piorou bastante, principalmente na atualidade, em tempos de ensino remoto, devido à pandemia do coronavírus. Reconhece-se, assim, a necessidade das famílias dialogarem com suas crianças e adolescentes como um hábito cotidiano, assumindo o dever de ensinar seus/suas filhos/as a serem felizes, e não apenas bem-sucedidos/as em avaliações.

Finalizamos com a quarta dimensão, o último problema apontado pelo grupo-pesquisador dentro da formação em sociopoética, que se refere, de um lado, ao trabalho com as diversidades e diferenças de estudantes, e do outro lado, à burocracia dos currículos da escola que busca homogeneizar alunos/as através do controle de suas ações em meio a práticas pedagógicas voltadas para a reprodução de conteúdos fragmentados, muitas vezes discriminatórios, que não se conectam à vida. Essa discussão está presente na fala do grupo-filósofo em torno das diversidades, que aparece de forma contraditória, podendo ser problema e solução ao mesmo tempo, para uma prática educativa criativa, aberta às experiências do dia a dia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem sociopoética auxiliou-me a pensar nas estratégias para alcançar e responder a minha questão inicial, orientando, teórica e metodologicamente, o planejamento das oficinas de negociação e produção de dados por meio de técnicas artísticas e análise dos dados. Essa cartografia atentou para fazer-me habitar o território da pesquisa e abraçar um grupo-pesquisador de educadores/as em meio às suas narrativas e diários de itinerância, como uma forma e posicionamento diante do mundo e de si próprios, capazes de expressarem suas experiências como aquilo que os move, transformando seus pensamentos em outros modos de fazer e pensar a educação, criados pelo estranhamento por meio das vivências de técnicas durante as oficinas, que os levaram a ter um novo olhar não só sobre o mundo, mas para se conhecer e viver nesse lugar de uma forma mais criativa. Por isso, o uso da arte como dispositivo é uma necessidade da sociopoética, pois os/as professores/as, ao problematizarem suas experiências de formação e convivência na escola, as quais os mobilizam, passaram pela produção dos estranhamentos que os proporcionaram a invenção de novas potências criativas.

Nesse sentido, a abordagem sociopoética deseja cumprir aqui o seu papel de incentivar vivências radicais rumo à construção de conhecimentos inovadores, deixando que a questão da libertação seja algo pessoal, de cada um. Possibilitando aprendizagens, num currículo com a quebra da lógica cartesiana, optando por uma educação como algo plural, na qual se aprenda através do incentivo à imaginação, como no exemplo do relato que iniciei esses escritos, entendendo que podemos experimentar e exercitar formas lúdicas entre crianças e adolescentes, percebendo que não existe tempo para o brincar, pois pode-se aprender brincado o tempo todo, pelas vivências, com o incentivo à solidariedade e à convivência com/entre as pessoas, e não só de um grupo, mas de grupos distintos, através de momentos de alegria, prazer, de bem-estar, que elevem a autoestima. É de fato o que venho insistindo durante todo o texto: pensar a escola como um “laboratório de criação”, que não deixe nossa criatividade morrer, sendo como cura, transcrição para salvar nossos estudantes, principalmente hoje, em tempos pandêmicos tão difíceis.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CANDAU, V. M. Multiculturalismo e Educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (Org.). **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.



CANDAU, V. M. (Org.). **Didática: questões contemporâneas**. Rio de Janeiro: Forma & Ação, 2009.

DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 5. Trad. Piter Pal Pelbart e Janice gaiafa. São Paulo: Ed. 34, 1995.

FORMOSINHO, J. **Formação de professores: aprendizagem profissional e acção docente**. Porto – Portugal: Porto Editora, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GAUTHIER, J. **Trilhando a vertente filosófica da montanha: Sociopoética – a criação coletiva de confetos**. In: SANTOS, I. dos; GAUTHIER, J.; PETIT, S. H. (Org.). **Prática da Pesquisa nas ciências humanas e sociais: abordagem Sociopoética**. São Paulo: Atheneu, 2005. p. 257-299 286.

MOSÉ, V. (Org.). **A Escola e os desafios contemporâneos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

PETIT, S. H. **Sociopoética: potencializando a dimensão poética da pesquisa**. In: MATOS, K. S. L. de; VASCONCELOS, J. G. **Registros de Pesquisas na Educação**. Fortaleza: LCR, 2002. (Coleção Diálogos Intempestivos). p. 34-48.

SANTOS, Vanessa Nunes dos. **FORMAÇÃO DOCENTE EM SOCIOPOÉTICA COMO METODOLOGIA SENSÍVEL E INOVADORA NA CONVIVÊNCIA ESCOLAR**. Tese (Doutorado em Educação). 332 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, 2021.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

## PRÁTICAS EDUCATIVAS *INSTITUINTES* DE JOVENS DO HIP HOP DO LITORAL DO PIAUÍ

Krícia de Sousa Silva – UFPI

### RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender como os/as jovens do Hip Hop de Parnaíba/PI, utilizaram o mundo virtual para produzir práticas educativas próprias, se (re)inventando e encontrando alternativas para criação de outros espaços de sociabilidade em meio a pandemia da Covid-19. Especificadamente, propondo: a) Mapear os/as jovens da cultura Hip Hop de Parnaíba/PI a partir do mundo virtual, b) Captar como estes/as jovens criaram práticas educativas próprias no mundo virtual, em meio a pandemia da Covid-19; c) Descrever o modo como as práticas educativas virtuais dos/as jovens da cultura Hip Hop de Parnaíba permitiu a estes/as jovens se reinventarem e encontrarem alternativas para criação de novos espaços de sociabilidade; e d) Analisar o modo como a pandemia da Covid-19 afetou a vida, as emoções, treinos e eventos dos/as jovens da cultura Hip Hop de Parnaíba e foi exposto pelo grupo de forma online. A metodologia utilizada pauta-se na Netnografia documental (Kosinets, 2014), diários cartográficos e análise das implicações Deleuze (1982) e Kastrup e Barros (2010), e a sociopoética como *ethos* da pesquisa (Adad, Santos e Silva, 2021), Gauthier (2015). Os resultados permitiram identificar duas dimensões das práticas educativas: 1. reinvenções das práticas educativas, dos treinos, encontros e eventos e 2. Sabores, emoções e gambiarras das/nas práticas educativas. Essas dimensões co-existem, e realçam práticas educativas heterogêneas, que afirmam que em meio contexto de crise, estes/as jovens passaram a agir de forma mais colaborativa, fortalecendo subjetividades solidárias, e deixando em evidencia o formato organizacional potente e inventivo que desenvolvem entre si mesmos/as.

### Palavras-chave:

### INTRODUÇÃO

Essa pesquisa integra as investigações do Observatório das Juventudes e Violências na Escola – OBJUVE que se insere no Núcleo de Estudos e Pesquisas “Educação, Gênero e Cidadania” – NEPEGEI e propõe a dar visibilidade para as práticas educativas instituintes de jovens do Hip Hop de Parnaíba/PI em meio a pandemia da Covid-19, que teve início em 2020 a partir da disseminação rápida e letal do vírus Sars-cov-2 por todos os continentes do planeta. Para o seu desenvolvimento, apresenta a seguinte questão: Como a partir do mundo virtual, os/as jovens da cultura Hip Hop de Parnaíba/PI criaram práticas educativas instituintes para a reinvenção de si mesmos/as e suas sociabilidades em meio a pandemia da Covid-19? A hipótese da pesquisa é, portanto, que os/as jovens da cultura Hip Hop após o decreto de

isolamento social dado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), passaram a utilizar o mundo virtual para produzir práticas educativas próprias, se (re)inventando e encontrando alternativas para criação de outros espaços de sociabilidade em meio a pandemia da Covid-19.

Ao longo do contexto da pandemia mencionada, as juventudes periféricas se encontraram em um limiar pela sua sobrevivência: seguir as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) ficando em total isolamento social, ou arriscar-se saindo de casa em busca de alternativas para as dificuldades que a própria pandemia originou, como a falta de emprego, e consequentemente de recursos para custear aluguel, ajudar a família e colocar comida em casa. O que indica que “embora se insista em não querer vê-lo, é que o lado de dentro sempre dependeu do lado de fora: o confinamento não seria possível, se a maioria dos trabalhadores não continuassem a sair de casa. É preciso que alguém esteja lá fora para que exista o home office” (BECARI, 2020, p. 03). Isso sem levar-se em consideração as dificuldades ligadas aos setores do lazer, da produção cultural e das sociabilidades.

Sendo assim, apesar de ser um fenômeno global, a pandemia teve especificidades locais e regionais a partir da forma como as diferentes populações lidam com o impacto da doença, pois a forma como os fenômenos produzem as experiências locais, não são universais, mas especificadamente particulares (GARCIA; SILVA, 2020). Por esta razão, o modo como os/as jovens artistas do Hip Hop encontravam possibilidades para resistir aos desafios encontrados diante do isolamento social, da crise de saúde mundial e da falta de ações e programas sociais que detivessem atenção a esse segmento durante o contexto da pandemia é totalmente singular, e aponta a potência da arte produzida nessa cultura como meio de se manterem vivos/as, possibilitando a proliferação de outros modos de produzir o conhecimento e de compreensão da própria vida, sendo esse processo exposto pelo grupo partir do uso dos espaços virtuais durante a pandemia da Covid-19.

A pesquisa apresenta relevância científica ao ampliar a discussão sobre as interfaces dos temas juventudes, corpo e movimento e educação (não-escolar) que ainda merecem ser exploradas no Brasil e no Piauí, pois segundo Carrano (2010) os trabalhos que falam da perspectiva informal de educação, onde a pedagogia é considerada cega, há uma certa desvalorizados dos saberes produzidos, tendo em vista a sua espontaneidade e dinamismo, bem como o distanciamento dos sistemas de controle das instituições e órgãos normativos de ensino. Esse problema se afirma dentro do programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal do Piauí, programa que possibilitou o desenvolvimento deste trabalho, mas que durante ao longo de um período de 10 anos de publicações de pesquisas a nível de

mestrado e doutorado (2011-2021), teve somente 21 dissertações e 6 teses defendidas com sujeitos/as jovens como foco de investigação, e apenas 6 dissertações e 1 tese foram feitas em território não-escolar, como é o caso deste estudo (Ppged, 2021).

Além disso, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/2020), o número de jovens na faixa dos 15 a 29 anos, é de 49,95 milhões de indivíduos – 23,45% da população total Brasileira que é de 213,8 milhões de pessoas. A partir desses dados, o tema da pesquisa se insere em um contexto no qual as juventudes, especificadamente no Piauí, vivem uma situação de desvalorização, exclusão social, e violência, fenômenos expressos pelo desemprego, falta de investimento e assistência social para esse público, o que pôde ser percebível durante a pandemia inclusive em âmbito nacional, visto que raras foram as ações pensadas para colaborar com o bem-estar das juventudes durante o contexto pandêmico, colocando os/as jovens da periferia a mercê de subempregos a exemplo do entregador de Delivery que se tornaram a base da vida social durante o período de isolamento, no qual teve a mão obra desses/as jovens como um do seus suportes principais.

Outro ponto importante a destacar é que diante de um contexto de caos na saúde pública, a importância desse estudo também se enfatiza pela compreensão dos efeitos da pandemia na vida das juventudes, de forma inclusive a colaborar com as políticas e programas pensados para eles e elas. Contudo, que tais programas e as políticas não sejam pensados pelos adultos e/ou órgãos governamentais, e sim pelas experiências, práticas culturais e processos de criação das juventudes por elas mesmas.

## **OBJETIVOS**

O objetivo geral da pesquisa é compreender como os/as jovens do Hip Hop de Parnaíba/PI, utilizaram o mundo virtual para produzir práticas educativas próprias, se (re)inventando e encontrando alternativas para criação de outros espaços de sociabilidade em meio a pandemia da Covid-19. Por sua vez, os objetivos específicos são: a) Mapear os/as jovens da cultura Hip Hop de Parnaíba/PI a partir do mundo virtual, b) Captar como estes/as jovens criaram práticas educativas próprias no mundo virtual, em meio a pandemia da Covid-19; c) Descrever o modo como as práticas educativas virtuais dos/as jovens da cultura Hip Hop de Parnaíba permitiu a estes/as jovens se reinventarem e encontrarem alternativas para criação de novos espaços de sociabilidade; e d) Analisar o modo como a pandemia da Covid-19 afetou a vida, as emoções, treinos e eventos dos/as jovens da cultura Hip Hop de Parnaíba e foi exposto pelo grupo de forma online.

## METODOLOGIA

A metodologia desta investigação é de base qualitativa, pautando-se na Netnografia documental (Kosinets, 2014), como principal método de produção de dados, recorrendo da etnografia para estudar as comunidades e culturas online, permitindo ao pesquisador adquirir uma compreensão detalhada de um fenômeno social, captando e comunicando suas qualidades culturais.

Na pesquisa netnográfica existe uma compreensão de que a vida social *online* e a vida “real” se mesclaram em um mundo só, que inclui o uso da tecnologia para se comunicar, debater, socializar, expressar e compreender (KOSINETS, 2014). Nesse sentido, procurou-se:

Empreender um engajamento imersivo prolongado de membros de uma comunidade ou cultura, seguido uma tentativa de compreender e comunicar sua realidade por meio de uma interpretação “densa”, pormenorizada, sutil, historicamente curiosa e culturalmente fundamentada, e por uma descrição profunda de um universo social que é familiar a seus participantes, mas estranho a forasteiros”. (KOSINETS, 2014, p. 62).

Portanto, a partir da base de dados *online*, foi possível serem colhidos dados e informações importantes de fatos ocorridos, de usos e costumes do grupo em investigação. Os/as jovens foram mapeados por meio de *instagram*, *whatsapp*, *blogs* e *youtuber*, pelo período de 01(um) ano e 10 (dez) meses (2020 – 2021); a partir de uma seleção de 18 publicações, sendo 16 imagens e 2 vídeos;

Outros recursos metodológicos utilizados foram a análises das implicações durante o processo de construção da pesquisa e uso de diários cartográficos, de modo a afirmar uma trajetória de estudos vinculada a filosofia da diferença e sua revisão epistemológica, à luz da teoria de Deleuze (1982) e Kastrup e Barros (2010), e ainda, os princípios da sociopoética, metodologia de produção do conhecimento que visa produzir conceitos permeados de afecções. Estes princípios se fundamentam em: 1) Pesquisar com as culturas de resistência; 2) Pesquisar com pessoas que fazem parte de um grupo; 3) Enfatizar a potência do corpo e da arte na produção do conhecimento; e 4) Valorizar a dimensão ética e espiritual no processo de investigação (GAUTHIER, 2015), que expressam o *ethos* da pesquisa, sendo que:

A ética não é “algo” que se injeta num projeto já escrito e nem se reduz a procedimentos. Ao contrário, deve fazer parte da sua elaboração e estar contida na tessitura do texto – desde a definição do objeto até a publicação dos resultados. [...] o compromisso do pesquisador vai além da conformação

técnica de seu trabalho: precisa contemplar o sentido social do estudo, as relações institucionais [...] (MINAYO; GUERRIERO, 2014, p.04).

Deste modo, os princípios expressos valorizam a compreensão do processo de pesquisa e não apenas os resultados. Portanto, o *ethos*, aponta o movimento reflexivo, político e poético de construção do caminhar da pesquisa.

Os/as sujeitos/as investigados, conforme já referido, são integrantes da cultura Hip Hop, moradores da cidade de Parnaíba/PI, oriundos/as de bairros periféricos, tem entre 20 a 28 anos de idade, afrodescendentes, universitários/as, profissionais ou colaboradores/as de projetos de extensão vinculados à Universidade Federal do Delta do Piauí – UFDPAR, todos/as envolvidos/as de um modo ou de outro com a dança, a pintura, o desenho, a poesia e o teatro.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa fundamenta-se em Adad, Lima e Brito (2021), Adad (2011) e Boakari e Silva (2021) para discutir o conceito de prática educativa e a concepção de educação popular em movimento (Brandão, 2007), considerando a rua e as cidades como arenas culturais, territórios educativos, lugares e caminhos potentes para a aprendizagem, como prática de resistência (Larossa, 2017), (Silva, 2018) e (Freire, 2017). Em outras palavras, Boakari e Silva (2021) assinalam:

Uma prática é um *modus operandi* numa determinada situação, por um grupo definido. A prática no campo educacional é desenvolvida por indivíduos com todas as suas subjetividades, idiossincrasias, e outras características que evidenciam as suas particularidades, e assim, é mais adequado falar em práticas educativas (BOAKARI; SILVA, 2021, 98-99)

Logo, em diálogo com Boakari e Silva (2021) compreende-se que a cultura Hip Hop enquanto prática educativa afirma o que é singular, local, particular desse grupo específico de jovens, evidenciando seus questionamentos e particularidades ao questionar os moldes unicamente instituídos como caminhos a seguir, e que por isso trazem à tona aprendizados que envolvem o risco, o inusitado, o novo, porém que também incluem várias possibilidades de experiências com o mundo, vivências e auto formação que operam no corpo dos/as jovens e que se baseiem no prazer, na alegria e na vibração, produzindo práticas educativas que inventam educações desobedientes, questionadoras, *insurgentes* aos modos de educar pautados no sedentarismo e falta de dinamismo presentes, por exemplo, no ambiente escolar.

Quando relacionadas as contribuições de Boakari e Silva (2021) à etimologia da palavra Hip Hop, utilizada no inglês vernáculo Afro-americano, é possível descobrir que “Hip” significa aquilo que está acontecendo agora, no modo simultâneo das coisas de se sucederem, e “Hop”, por outro lado, é vinculado a percepção de movimento do corpo de forma espontânea, sem nenhuma regra. Logo, a cultura Hip Hop, implementa práticas educativas inventivas em consequência do que vivem os/as jovens contemporâneos, significando para eles/as a movimentação do corpo segundo o que vivem no momento presente, indicando a liberdade de expressão e ineditismo, por ser algo estritamente subjetivo e particular e da criatividade do que sentem e vivenciam dentro dessa cultura, implementando adaptações (ou seriam criações?) na vida desses garotos e garotas a partir das situações cotidianas do seu dia a dia. Neste aspecto, não há uma pedagogia que sustente essas práticas educativas, embora seja possível se pensar em uma *pedagogia do improvável*, onde nada é imposto, tudo é feito pelo princípio ético do ato de existir, e não por imposição, pois se configura de modo *instituinte*, no qual

Mostra o seu lado transformador, criativo, revolucionário. mas sempre informado pelo instituído que o gera e que é regenerado por ele. Quanto mais revolucionária for uma prática, mais elementos instituintes ela agrega e mais contribui para que haja transformações no imaginário social e, por conseguinte, transformações nas instituições e nas relações de poder onde esteja agindo (PEREIRA, 2000, p. 33).

São então práticas educativas instituintes porque para além de uma imprevisibilidade pedagógica, o imaginário social de prática educativa é posto em questão, retirando as juventudes da permanente posição passiva de alunos e alunas, destituindo o estabelecimento de conteúdos pré-estabelecidos para serem apreendidos por eles e elas, instaurando uma nova ordem que revoluciona o modo de como a educação pode acontecer na vida em sociedade, ensinando para professores/as, profissionais e pesquisadores/as em geral das juventudes que enquanto tentam teorizar ou explicar os/as jovens, estes/as estão vivendo suas existências e transformando-as continuamente em meio a vida contemporânea, especialmente quando o assunto é educação e sociabilidades.

Importante assinalar que quando se fala de práticas educativas instituintes, estas fazem relação com experiências individuais e coletivas, partilhadas pelas *crews* e galeras, em contraponto às experiências pontuais e fragmentadas resultantes do individualismo e do corporativismo da pós-modernidade, caminhando em direção a uma causa em comum entre os/as envolvidos, que permeia suas lutas, protestos, anseios e conflitos, muitas das vezes

invisibilizados pelos grupos dominantes, no entanto, que teimam em inventar e afirmar sua potência, pois eles/as próprios/as comumente criam alternativas para as demandas do coletivo.

Assim sendo, ao ser realizado o acompanhamento virtual dos/as jovens investigados, os resultados permitiram averiguar duas dimensões das práticas educativas: 1. reinvenções das práticas educativas, dos treinos, encontros e eventos e 2. Sabores, emoções e gambiarras das/nas práticas educativas.

A primeira dimensão, trata do modo como os/as jovens foram instituindo práticas educativas em meio aos treinos em menor número de integrantes, substituindo os lugares citadinos, pelo espaço na casa de um/a ou outro/a jovem. Bem como, elaboraram eventos como a 6ª edição do Junta Festival Internacional de dança e o projeto Delta Arte, que possibilitaram dar continuidade às sociabilidades e projetos do grupo de modo informal e/ou intuitivo, transmitindo suas atividades para pessoas diversas, inscritas ou não nos eventos, diluindo as configurações fechadas de se construir esses tipos de ações na pandemia.

Na segunda dimensão, são abordadas as práticas educativas instituintes, como o espetáculo “Enquadro”, as oficinas: “O corpo fala” e a “oficina de grafite do projeto Delta Arte”, realizadas de forma online e/ou híbrida, na cidade de Parnaíba/PI e que mostram como os/as jovens ampliam seus saberes e/ou sabores sobre arte, cultura urbana e popular, os processos de segregação e genocídio ao longo da história da humanidade e a construção de um pensamento crítico e problematizador do contexto político vivenciado durante a pandemia no Brasil.

Foi possível identificar ainda o fortalecimento das políticas de amizade existentes no grupo, que transpassando para uma compressão diferente da produção de nossa realidade capitalista, mostraram que é possível dividir dispositivos tecnológicos de tal modo que todos/as possam participar de eventos que atravessam interesses em comum, ressignificando os modos de aprender a compartilhar as coisas para potencializar existências coletivas (LARROSA, 2017).

A reinvenção dos eventos organizados por esta juventude também apontam para a singularidade de suas capacidades autônomas e inventivas, pois conforme na 6ª edição do Junta Festival Internacional de dança que aconteceu de forma totalmente *on-line* e também no projeto Delta Arte Oficina de Grafite, os/as jovens diluíram as formas fechadas de se construir eventos: *online*, presencial ou híbrido, instituindo novos/outros pilares de configuração, afirmando a possibilidade de intervir na disseminação da cultura Hip Hop a sua própria maneira, provocando rupturas inclusive nos moldes pré-determinados para construção desses



tipos de atividades, e mais uma vez, dando pistas para uma compreensão do potencial das juventudes para reformar o modo como se organizam os espaços, tempos e relações na contemporaneidade.

Por fim, percebe-se que pensar a educação, as práticas educativas e a formação humana faz parte de um processo permanente de conhecimento e aprendizagem em termos de vida, e não necessariamente em termos de escolarização (SOUSA, 2019), por isso mesmo tem mais sentido e complexidade que a educação escolar, mostrando que “em outras palavras e talvez reiteradamente, não é possível ser gente sem, desta ou daquela forma, se achar entranhado em uma certa prática educativa” (FREIRE, 2000, p. 21).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa ressaltou as trajetórias juvenis dos/as jovens investigados/as, em meio às práticas educativas instituintes que desenvolveram no período correspondente a pandemia da covid-19, permitindo o exame sobre as regras sociais, culturais e históricas da vivência dos/as sujeitos/as da cultura Hip Hop pertencentes ao grupo, em momento excepcional da história do mundo.

As práticas culturais, vinculadas intrinsecamente a cultura Hip Hop, mostram claramente sua natureza educativa mas, muitas vezes, passam despercebidas, pois assumem inúmeras formas, modos e conteúdos marcados pela flexibilidade e possíveis intencionalidades de seu modus operandi (TREVISAN; GROPPPO, 2021), e ainda porque permearam os mais variados processos políticos cotidianos e extraordinários que os/as jovens vivenciam no seu dia a dia em meio a pandemia, instituindo novos modos de existir, educar e compartilhar, organizando de forma autônoma e horizontal suas ações e atividades, evidenciando a potencialidade educativa de suas práticas juvenis, e de sua relevância perante as formalidades e hierarquias dos contextos escolares formais e sua contribuição de enorme valor para a consolidação de processos formativos mais dialógicos e democráticos na sociedade (TREVISAN; GROPPPO, 2021).

Por fim, foram identificadas duas dimensões das práticas educativas instituintes do grupo, que coexistem, e realçam sua heterogeneidade, afirmando que em meio contexto de crise, estes/as jovens artistas passaram a agir de forma mais colaborativa, fortalecendo subjetividades solidárias entre eles e elas, e deixando em evidência o formato organizacional potente e inventivo que desenvolvem entre si mesmos/as e seus pares.

## REFERÊNCIAS

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. **Corpos de Rua:** cartografias dos saberes juvenis e sociopoetizar os desejos dos educadores. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

ADAD, Shara Jane Holanda Costa; LIMA, Joana D'Ark de Sousa; BRITO, Antônia Edna. Um começo, uma apresentação. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; LIMA, Joana D'Ark de Sousa; BRITO, Antônia Edna (Orgs.). **PRÁTICAS EDUCATIVAS:** múltiplas experiências em educação. Fortaleza, CE: Editora da UECE, 2021.

BOAKARI, Francis Musa; SILVA, Francilene Brito da. Práticas educativas como relações dialógicas necessárias até hoje: de Garama para muitos chãos. In: ADAD, Shara Jane Holanda; LIMA, Joana D'arc de Sousa; BRITO, Antonia Edna (Orgs.). **Práticas educativas:** múltiplas experiências em educação. Fortaleza, CE: Editora da UECE, 2021

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação. 4 ed.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

BECCARI, Marcos Manba. **Morrer para sobreviver:** o vírus que somos. 2020. disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/8352/pdf>. Acesso 13 mai 2023

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. V. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 64ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017. 253 p

GAUTHIER, Jacques. **O Oco do vento:** metodologia da pesquisa socio-poética e estudos transculturais. Curitiba: CRV, 2012.

KOSINETS, Robert V. **Netnografia:** realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2016.

LARROSA, Jorge. **Notas de Experiência e o saber de experiência.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf> Acesso em 08.10.2014.

PEREIRA, Wilsa Rocha (2000). **Algumas contribuições da análise institucional para estudar as relações entre os serviços públicos de saúde e a sua clientela.** Disponível m: chrome-extension://efaidnbmninnibpcajpegcglclefindmkaj/https://www.scielo.br/j/reben/a/XZY4rPbKgNprVLncJChQNYYP/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 14 març 2022.

SILVA, Krícia de Sousa. **Manobras sociopoéticas:** aprendendo em movimentos com skatistas do litoral do Piauí. Fortaleza: EdUECE, 2018.

TREVISAN, Junior Roberto Faria; GROppo, Luís Antonio. “Jovens de luta”: formação política e movimento estudantil universitário. In: ALMEIDA, Elmir de; PINHEIRO, Leandro R; GROppo, Antônio Luís; IRIART, Mirela Figueiredo dos Santos. **Movimentos Sociais,**



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

**sujeitos e processos educativos:** uma antologia do Gt 03 da Anped. São Carlos: Pedro e João Editores, 2021.